



A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Bruna de Lima Ismael¹

RESUMO: Este trabalho tem como objetivos geral e específicos enaltecer a importância da contação de histórias no processo de ensino-aprendizagem na Educação Infantil, discutir suas contribuições para a formação do futuro leitor e para o desenvolvimento da oralidade na criança. O ato de contar histórias nas escolas não é atual, contudo, nos dias de hoje esta prática foi ressignificada e passou a ser utilizada por professores como estratégia de ensino. A leitura estimula a criatividade e a imaginação, e, quando contada ludicamente, estimula também o interesse dos pequenos em ler. Para o desenvolvimento deste trabalho utilizou-se de pesquisa exploratória bibliográfica, analisando textos que abordam a temática da contação de histórias na Educação Infantil, a fim de compreender sua contribuição para o desenvolvimento das crianças. Diante disto, a contação de histórias pode ser uma rica estratégia de ensino, uma vez que pode contribuir na construção de novos leitores, trabalhar com diversas temáticas em sala de aula de maneira lúdica e ajudar no desenvolvimento da comunicação oral entre as crianças. Por fim, o professor/contador de histórias deve buscar recursos que sejam de interesse dos ouvintes, ter conhecimento acerca da história a ser narrada e compreender que contar história não é uma tarefa simples, mas uma arte que requer conhecimento e estudo para efetuar-la.

Palavras-chave: Contação de histórias; Educação Infantil; Leitura; Estratégia de Ensino; Desenvolvimento da Criança.

INTRODUÇÃO

O ato de contar histórias nas escolas não é atual, contudo, tinha-se o hábito de utilizar essa metodologia como uma maneira de distrair e relaxar as crianças, todavia, atualmente esta prática vem sendo ressignificada por meio da figura do contador de histórias e das contribuições que ela apresenta para o desenvolvimento oral das crianças.

Com o resgate desse antigo costume pelas instituições escolares, cursos de formação docente inicial e continuada vem inserindo em suas disciplinas metodologias para a preparação do ato de contar histórias.

O ato de ler para criança estimula a sua imaginação, pois ao ouvir histórias ela cria seu próprio mundo, tem sua curiosidade aguçada, encontra ideias para solucionar problemas, tem a possibilidade de descobrir um mundo de conflitos, empasses e soluções em que todos vivenciamos, desenvolve a sua comunicação oral e por meio desse hábito a criança pode também desenvolver o gosto pela leitura, por isso, o professor/contador de histórias deve buscar maneiras lúdicas de levar a leitura para os pequenos, já que esta prática na sala de aula

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas – *Campus* do Sertão/Sede.
Bruna.ismael.7@outlook.com



muitas vezes é feita de maneira automática, somente querendo entreter as crianças e assim ela não se instiga a ouvir e muito menos gostar de ler.

A escolha desta temática se justifica por se tratar de um assunto que sempre interessou a autora, uma vez que ela sempre gostou de ler, apesar de não ter este hábito estimulado na educação básica. Outra motivação é que durante o processo de formação docente surgiu o interesse e a curiosidade de discutir e estudar a respeito do tema e por compreender a importância do ato da leitura para a vida do aluno e do cidadão que está sendo formado nas instituições escolares.

A escolha de pesquisar sobre a contação de histórias, especificamente na Educação Infantil se deu por entender que esta etapa educacional durante um longo período era vista de maneira inferiorizada, em que não se tinha necessidade de incorporar crianças pequenas na vida educacional e que ela tinha apenas um caráter assistencialista. Apesar disso, atualmente os estudos relacionados a importância da educação para crianças são grandes e a visão acerca dela está sendo modificada, sendo assim, a fase do desenvolvimento oral nesse período é enorme e trabalhar com narração e práticas que estimulem a comunicação contribuem significativamente nesta fase.

Diante disso, este trabalho tem como objetivos geral e específicos enaltecer a importância da contação de histórias no processo de ensino-aprendizagem na Educação Infantil, discutir suas contribuições para a formação do futuro leitor e para o desenvolvimento da oralidade na criança.

Como referencial teórico utilizou-se Ariès (2006) e Corsino (2012) para discutir a respeito da Educação Infantil; Gil (2002), Fonseca (2002) e Severino (2007) para descrever a metodologia utilizada no trabalho; Brasil (2017), Goés (2010), Souza e Bernadino (2011), Silva (2017), Zilberman (1994) que discutem a respeito da contação de histórias e a literatura infantil.

EDUCAÇÃO INFANTIL: primeira fase da Educação Básica

A Educação Infantil perpassa ainda hoje por grandes discussões acerca da sua importância e necessidade para o desenvolvimento da criança, diferentes visões sobre a criança e a sua permanência na escola surgiram durante esse percurso.

Segundo Ariès (2006), na obra *História Social da Criança e da Família*, as crianças eram vistas como mini-adultos, em que a única coisa que as diferenciava dos adultos era o seu tamanho e até meados do século XIII não se tinha relatos sobre a infância. Ainda por volta do



século XIII surgem três visões acerca da criança, a primeira era a de anjo, em que elas eram educadas para “ajudar à missa, [...] espécies de seminaristas” (p. 18), não se tinha um tamanho exato para elas e nem sexo definido; já a segunda visão apresenta a criança como o Menino Jesus ou Nossa Senhora (p.19), representado como mini-adulto; na terceira aparece na “fase gótica: a criança nua” (p.19), o surgimento da criança nua nessa fase representava algo ruim. Em todas as visões, a criança surgia como um adulto em miniatura, ingênua, e não se tinha acesso à educação, exceto no caso das crianças do clero.

De acordo com o autor supracitado, até meados do século XVII as crianças de até 10 anos eram mantidas fora da escola, já que nessa época a infância era dividida em duas fases, a primeira infância durava até os 9-10 anos e a segunda infância até a adolescência. A escola tinha, nessa época, a ideia de que “a criança bem educada seria preservada das rudezas e da imoralidade” (p. 121), assim, a classe pobre que não tinha condições de frequentar a escola era vista como rude e imoral.

Nessa época, a Educação Infantil era exclusivamente familiar. Somente a partir do século XIX o ensino para crianças pequenas é pensado, com um caráter assistencialista, para mulheres que trabalhavam e necessitavam de um local para deixar os filhos. Sendo assim, sua criação não surge do interesse em escolarizar as crianças, mas sim como forma de adequação do mundo moderno, das necessidades do capitalismo, no qual mulheres precisavam trabalhar para ter seu sustento.

Com o movimento da Escola Nova em 1932 e posteriormente a promulgação da Declaração dos Direitos Humanos, pela Organização das Nações Unidas (ONU), em 1959 na qual a criança surge como um sujeito de direitos a escolarização de crianças pequenas é novamente repensada. Mas, somente em 1988, com a Constituição Federal (CF) é que a Educação Infantil se torna um direito da criança e um dever do Estado (art. 208), entretanto, somente com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) é que ela passa a ser reconhecida como primeira etapa da educação básica, tendo “como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (art. 29).

Dito isso, Corsino (2012) diz que

A educação infantil, com suas práticas pedagógicas, que visam o desenvolvimento integral das crianças [...] tem muito a contribuir em diálogo com o ensino fundamental, podendo ocupar um importante lugar no cenário educacional brasileiro atual (p. 2).



Assim, os estudos que são elaborados acerca dos primeiros anos de escolarização apontam a importância do ensino desde os primeiros anos de vida. Para tanto, principalmente na Educação Infantil, é grande significância educar a criança por meio de brincadeiras.

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO

Desde os tempos remotos a prática de contar histórias faz parte dos hábitos das culturas civilizadas. Apesar disso, na antiguidade a contação oral de histórias era inferiorizada em relação a escrita, todavia, os povos reuniam-se para contar lendas e contos, dispersando seus costumes e sua cultura.

Apesar da prática ter sido inferiorizada na antiguidade, atualmente educadores fazem uso desse recurso didático para complementar suas aulas e dar um novo significado ao ato de contar histórias.

Alguns aspectos devem ser levados em consideração no momento de contar as histórias, o tom da voz, os gestos e movimentos utilizados pelo professor/contador, os recursos visuais, a organização do espaço, o agrupamento das crianças, o lugar deve ser harmonioso e aconchegante, fantoches ou dedoches, avental, um tapete de feltro colorido são ótimos recursos para contar as histórias. Dito isso, existem alguns recursos que são utilizados no ato de contar histórias, abaixo serão descritos de maneira breve.

O Avental é o primeiro recurso apresentado, ele pode ser usado para construir um cenário de histórias, podendo ser feito de feltro, assim as figuras podem ser coladas nele, outra opção é colocar os personagens nos bolsos do avental e ir retirando ao decorrer da história.

O Fantoches é outro recurso que as crianças adoram e que lhes chamam muito a atenção, eles podem ser confeccionados pelos pequenos, com meias ou sucata – fica a critério das crianças - e após a confecção usá-los para contar a história.

A Simples Narrativa também é uma ótima opção, antiga e tradicional, mas que desperta bastante atenção nos pequenos ouvintes. O contador é livre para reproduzir gestos, mudar a entonação na voz, usar toda a sua criatividade na hora de narrar as histórias, sendo autêntico nesse momento.

O Próprio Livro também pode ser utilizado, se tiver gravuras o contador pode mostrar as crianças. Nesse caso, as histórias tem que ser preferencialmente curtas, já que as crianças



perdem a atenção rapidamente e o contador que utiliza o livro tem que narrar quase textualmente.

Os *Livros de imagens* é um recurso pouco explorado na literatura infantil. Com imagens descritivas, de fácil compreensão pelo leitor, com muitos detalhes, entre uma imagem e outra a história é imaginada pelo leitor. É ótimo para trabalhar a interpretação com as crianças, visto que a partir das imagens elas podem discutir como a história vai ocorrendo.

Estes são os principais recursos usados pelo professor/contador, contudo, existem outros que podem ser explorados por ele. Posto isto, independentemente do método que o professor escolher para narrar a história, ele deve conhecê-la antes de levar para a aula, visto que o ato de narra não é simples, trata-se de uma arte. Por ter como protagonista principal a palavra, conhecer do que aborda a história é primordial.

Os requisitos básicos para a escolha da história são de acordo com os objetivos que se busca alcançar com ela, além de buscar as que sejam de interesse das crianças.

Discutir com as crianças sobre a história antes de iniciá-la, conhecer o que os alunos sabem a respeito dela, dar pistas sobre qual história será contada nesse dia faz toda a diferença, pois ao realizar uma apresentação inicial o professor despertará nos ouvintes maior interesse. Após o término da história, é interessante que o professor promova a discussão sobre ela, assim os ouvintes se sentirão instigados a falar, dessa forma os incentiva a discutir a respeito da história que acabou de ser narrada, permitindo que apresentem as suas considerações a respeito da mesma.

METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho optou-se pelo uso da pesquisa exploratória bibliográfica, buscando-se efetuar estudos aprofundados acerca do tema central deste trabalho que é a contação de histórias na Educação Infantil. Segundo Fonseca (2002) a pesquisa bibliográfica é realizada por meio do levantamento de referenciais teóricos publicados em meios escritos e/ou eletrônicos, como livros e artigos científicos, principais fontes utilizadas no desenvolvimento deste estudo.

Para Gil “etimologicamente, método significa caminho para se chegar a um fim. Assim, método científico pode ser entendido como [...] o conjunto de procedimentos que ordenam o pensamento e esclarecem acerca dos meios adequados para se chegar ao conhecimento” (GIL, 2002, p.31). Assim, compreende-se que a importância da escolha da metodologia a ser utilizada para realizar um trabalho científico é de fundamental importância



e que ao realizar a escolha adequada, o pesquisador consegue alcançar os objetivos da pesquisa com maior precisão.

De acordo com Severino (2007) a pesquisa exploratória é aquela que busca fazer um levantamento de informações acerca de determinado objeto e já a pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir de trabalhos já produzidos. Diante disto, esta pesquisa utilizou da junção das pesquisas exploratória e bibliográfica para a sua produção.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na arte de contar histórias a humanidade encontrou formas significativas de expressar experiências que não acontecem na realidade. Segundo Silva (2017, 15) “ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor”, assim, aumentamos a nossa imaginação e criatividade, deixando fluir diversos pensamentos acerca do que está sendo narrado.

Conforme Souza e Bernadino (2011, 237) “por muito tempo o contar histórias foi uma atividade oral: as histórias, reais ou inventadas, eram contadas de viva voz”, durante algum tempo essa prática conquistou grande respeito entre os homens, sendo uma forma de propagar as verdades. Posteriormente, com o surgimento da escrita aparece também as histórias escritas, e que junto a ela originam-se os relatos de eventos que acredita-se terem de fato acontecido, exemplo disso é a literatura.

A narração de histórias nas escolas, como citado anteriormente, tinha como função distrair e entreter as crianças, apesar disso, ao longo dos tempos este ato ganhou novos significados passando a ser utilizado como estratégia de ensino. Sendo uma prática essencial para a formação e o desenvolvimento das crianças. O ato de contar histórias transmite a elas valores, costumes e conhecimentos, além de permitir a criança estimular sua criatividade e imaginação.

Souza e Bernadino destacam que “a escuta de histórias estimula a imaginação, educa, instrui, desenvolve habilidades cognitivas, dinamiza o processo de leitura e escrita, além de ser uma atividade interativa que potencializa a linguagem infantil” (2011, p. 237) e assim torna-se uma estratégia educacional que favorece significativamente a prática do educador e aprendizagem das crianças.

A Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2017) para a Educação Infantil traz no campo de experiências **Escuta, fala, pensamento e imaginação** habilidades,



nos três grupos de faixa etária, relacionadas a contação de histórias. Além de fortalecer a prática de contação de histórias pelo professor, ela ainda fortalece que as histórias sejam contadas pelas crianças, ampliando assim a autonomia delas.

Para os bebês (0 a 1 ano e 6 meses) a base apresenta quatro habilidades relacionadas as histórias na escola, contudo destacarei apenas uma delas. A habilidade aponta que as crianças devem “(EI01EF03) Demonstrar interesse ao ouvir histórias lidas ou contadas, observando ilustrações e os movimentos de leitura do adulto-leitor (modo de segurar o portador e de virar as páginas)” (BRASIL, 2017), assim é possível compreender que embora as crianças tenham que demonstrar interesse na história ouvida/contada, o professor deve buscar recursos lúdicos para atrair a atenção delas.

No tocante as crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses) a base contempla três habilidades para as histórias contadas, nessa faixa etária destaco a seguinte habilidade “(EI02EF04) Formular e responder perguntas sobre fatos da história narrada, identificando cenários, personagens e principais acontecimentos” (BRASIL, 2017), aqui é possível observar que a criança não vai apenas ouvir a história, mas sim participar da aula discutindo com os demais colegas sobre a história contada.

Já no que diz respeito as crianças pequenas (4 anos e 5 anos e 11 meses) a base apresenta duas habilidades relacionada a contação de história, aqui destaca-se o total protagonismo da criança durante esta atividade, a base diz que os pequenos devem “(EI03EF04) Recontar histórias ouvidas e planejar coletivamente roteiros de vídeos e de encenações, definindo os contextos, os personagens, a estrutura da história” (BRASIL, 2017), assim é plausível a criança participar ativamente dessa atividade, sendo a principal protagonista dela, tendo a oportunidade de recontar as histórias a sua maneira, expressando suas ideias, desejos e sentimentos.

Dessarte, é notável o quanto a base – principal documento que norteia a construção dos currículos das instituições escolares – contempla na Educação Infantil a necessidade de levar a contação de histórias aos espaços da sala de aula, não apenas com a função de entreter, mas sim permitindo a criança desenvolver-se a partir das histórias narradas, participando ativamente desse momento.

De acordo com Silva

A contação de histórias é vista como uma atividade pedagógica que trás encantamento, prazer e imaginação, não podendo ser dissociado do trabalho com os conteúdos curriculares. As diversas atividades escolares, ao serem integradas á contação de histórias podem vir a resultar em processos



potencializadores, resultando em conhecimentos sociais, científicos e pessoais (2017, p. 19).

Para tanto, a maneira como o educador conta a história interfere significativamente em como os pequenos participarão deste momento, uma vez que ao utilizar recursos lúdicos o interesse pela história será muito maior e as crianças conseguiram prestar mais atenção ao momento.

A contação de histórias como atividade pedagógica pode trazer encantamento, prazer e imaginação, pode fazer o aluno refletir acerca de diversas questões que são de seu interesse, além de contribuir para o desenvolvimento oral e da interação com os demais.

A literatura infantil é o modo de levar as crianças ao mundo da leitura de forma divertida, visto que através de seu caráter lúdico e mágico faz a atenção dos pequenos se voltar a ela.

Segundo Zilberman (1994, p. 22)

A literatura sintetiza, por meio dos recursos da ficção, uma realidade, que tem amplos pontos de contato com o que o leitor vive cotidianamente. Assim, por mais exacerbada que seja a fantasia do escritor ou mais distanciadas e diferentes as circunstâncias de espaço e tempo dentro das quais uma obra é concebida, o sintoma de sua sobrevivência é o fato de que ela continua a se comunicar com o destinatário atual, porque ainda fala de seu mundo, com suas dificuldades e soluções, ajudando-o, pois, a conhecê-lo melhor.

É imprescindível que as crianças desenvolvam seu gosto pela leitura desde a primeira infância, pois ao ler a criança trabalha a mente, fortalece a sua inteligência e desenvolve sua percepção estética de mundo. Para Goés (2010, p. 47)

O desenvolvimento da leitura entre crianças resultará em um enriquecimento progressivo no campo dos valores morais, da cultura da linguagem e no campo racional. O hábito da leitura ajudará na formação da opinião e de um espírito crítico, principalmente a leitura de livros que formam o espírito crítico, enquanto a repetição de estereótipos empobrece.

Assim, estimular o hábito da leitura nas crianças contribui significativamente para a formação de jovens leitores, auxiliando na formação de cidadãos críticos e reflexivos acerca do mundo em que vivem, e assim tanto professores quanto os pais tem papel fundamental para isso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Sendo a escola um lugar de construção do conhecimento e a fase escolar da Educação Infantil ser fundamental para o desenvolvimento integral da criança é primordial que os educadores saibam trabalhar com diferentes recursos educativos.

Levar a contação de histórias para a sala de aula, como já citado anteriormente, traz grandes contribuições tanto para a criança como para a prática docente, visto que está sendo estimulado nos pequenos o hábito da leitura e que eles não serão apenas ouvintes, pois terão a oportunidade de discutir sobre o que foi contado e assim conseguem desenvolver sua comunicação oral.

Em vista disso, é imprescindível que o docente adquira conhecimentos a respeito dessa prática para o desenvolvimento das crianças e faça o uso adequado dela para o ensino e aprendizagem dos educandos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação e da Cultura/MEC. Brasília. 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#infantil>. Acesso em: 28/02/2020

CORSINO, P. **Introdução**. In: CORSINO, P. (org.). Educação Infantil: cotidiano e políticas. Campinas, SP: Autores Associados, 2012. p. 1-12.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GIL, A. C. **Técnicas de pesquisa em economia e elaboração de monografias**. 4. ed., São Paulo: Atlas, 2002.

GÓES, L. P. **Introdução à Literatura para crianças e jovens**. São Paulo: Paulinas, 2010

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, F. M. S. V. **A importância da contação de histórias na Educação Infantil**. João Pessoa: UFPB, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/4094/1/FMSVS19032018.pdf>. Acesso em: 25/02/2020.

SOUZA, L. O. de; BERNADINO, A. D. **A contação de histórias como estratégia pedagógica na Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Educere et Educare, revista de Educação, ISSN 1809-5208, vol. 6, nº 12, jul./dez. 2011, p. 235-249. Unioeste, Campus de



**Educação como (re)Existência:
mudanças, conscientização e
conhecimentos.**

15, 16 e 17 de outubro de 2020

Centro Cultural de Exposições Ruth Cardoso - Maceió-AL

Cascavel.

Disponível

em:

<http://e->

revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/4643/4891.

Acesso em: 31/03/2020.

ZILBERMAN, R. **A literatura infantil na escola**. 9. ed. São Paulo: Global, 1994